

## RUPTURAS VIVENCIADAS POR FAMILIARES CUIDADORES DE PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS A PARTIR DO ADOECIMENTO

KARINE LANGMANTEL SILVEIRA<sup>1</sup>; CARLOS ALBERTO DOS SANTOS TREICHEL<sup>2</sup>; POLIANA FARIA ALVES<sup>3</sup>; LUCIANE PRADO KANTORSKI<sup>4</sup>; VANDA MARIA DA ROSA JARDIM<sup>5</sup>; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>6</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kaa\_langmantel@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Estadual de Campinas – treichelcarlos@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – polibrina@hotmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – vandamrjardim@gmail.com*

<sup>5</sup>*Universidade Federal de Pelotas – kantorski@uol.com.br*

<sup>6</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

São frequentes na literatura estudos que apontam para perspectiva de que os familiares de usuários com transtornos mentais, quando assumem as incumbências do cuidado cotidiano, relatam uma experiência de elevada exigência pessoal que resultam em importantes limitações a sua vida diária (BESSA; WAIDMAN, 2013; DELGADO, 2014).

Do ponto de vista subjetivo, destacam-se o sentimento de medo em angústia relacionado à possibilidade da crise, a manifestação de sobrecarga, e adoecimento emocional e psíquico (BESSA; WAIDMAN, 2013; TREICHEL et al 2017). Já de forma objetiva, destacam-se ainda os relatos de alterações na rotina do sono, prejuízos ao trabalho e à situação financeira, rompimento de vínculos significativos e afastamento das atividades de lazer (BESSA; WAIDMAN, 2013).

No entanto, embora essas alterações na vida diária sejam bem documentadas em estudos qualitativos, e até mesmo apontadas como fatores associados ao uso de psicofármacos (TREICHEL et al., 2019a) e ideação suicida (TREICHEL et al., 2019b) em estudos quantitativos conduzidos com familiares de pessoas com transtornos mentais, ainda se carecem estudos que ilustrem a magnitude de ocorrência dessas alterações entre essa população.

Nesse sentido, a partir de uma amostra de familiares de usuários de Centros de Atenção Psicossocial da 21<sup>a</sup> Região de Saúde do Rio Grande do Sul, este estudo teve como objetivo identificar a prevalência de familiares de pessoas com transtornos mentais que, a partir da experiência do cuidado, vivenciaram rupturas relacionadas ao trabalho, estudo, lazer e relacionamentos interpessoais.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com familiares cuidadores de usuários de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) nos municípios de abrangência da 21<sup>a</sup> Região de Saúde do estado do Rio Grande do Sul no período de fevereiro a outubro de 2016.

Para definir o número de participantes, foi realizado cálculo amostral que, para prevalência, considerou uma frequência estimada de 50% com margem de 5 pontos e alfa ( $\alpha$ ) de 5%, resultando na necessidade de um  $N= 384$ . Já para associação, utilizando um poder de amostra de 80% com nível de significância de 5%, relação de não expostos/expostos de 1, Risco Relativo de 1,3 e considerando prevalência de 40% em não exposto, obteve-se um indicativo de amostra de  $N= 536$ . Logo, acresceu-se ao maior  $N$  indicado ( $N=536$ ) 30% de indivíduos a fim de considerar perdas e controle de fator de confusão. Dessa forma, pretendeu-se

aplicar o questionário à 697 familiares de usuários de Centros de Atenção Psicossocial.

Para seleção dos entrevistados, após sorteio dos usuários a partir das listas dos serviços, seus familiares cuidadores foram identificados, contatados e caso atendessem aos critérios de inclusão, convidados a participar do estudo. As entrevistas foram realizadas nos serviços. Foram critérios de inclusão: Ser maior de idade; Estar envolvido nas atividades de cuidado do usuário do CAPS. Foram critérios de exclusão: Ser cuidador contratado formalmente.

O percentual de perdas entre a amostra pretendida correspondeu a 22,95%, relacionado a insucesso no contato com os familiares, recusas e dificuldades em responder o questionário, sendo assim, a população final acessada pelo estudo foi de 537 familiares que foram submetidos à aplicação de um formulário pré-estruturado acerca de dados sociodemográficos, condições de saúde, qualidade de vida, características do cuidado e do indivíduo assistido, sobrecarga.

O desfecho desse estudo é a investigação de rupturas relacionadas ao trabalho, estudo, lazer e relacionamentos interpessoais. Para investigação dessas rupturas, a partir do enunciado “Com o adoecimento do <nome> você precisou fazer alguma das coisas a seguir”, os familiares acessados foram questionados se precisaram: parar de trabalhar; parar de estudar; parar de frequentar a casa de amigos ou familiares; parar de realizar atividades de lazer; ou terminar um relacionamento amoroso. As opções de resposta eram do tipo sim ou não.

O estudo foi submetido e aprovado, sob ofício de nº 1.381.759, pelo Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas seguindo as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução CNS 466/2012. Os princípios éticos foram assegurados através de: consentimento livre e esclarecido; garantia do direito de não participação na pesquisa e anonimato..

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 537 familiares, sendo 63,3% do sexo feminino. A média de idade foi de 51,1 anos (DP = 13,3), com variação de 18 a 92 anos. Entre os entrevistados, 38,5% referiu possuir até 4 anos de estudo, enquanto 35,2% referiram ter estudado entre 5 e 8 anos e 26,2%, 9 anos de estudo ou mais. Quanto à renda, 37,7% referiu renda per capita de até 0,5 salário mínimo, 41,2% referiu renda per capita de 0,5 até 1 salário mínimo e 21% renda per capita superior a um salário mínimo. 59,7% dos entrevistados possuíam companheiro e 31% possuíam trabalho remunerado.

Entre a população estudada, a prevalência de familiares que precisou parar de trabalhar após o adoecimento do usuário foi de 33,9% (n=182). Aqueles que precisaram parar de estudar corresponderam a 9,9% (n=53) dos entrevistados. Já quanto às rupturas relacionadas às atividades de lazer e de frequência na casa de amigos ou familiares correspondeu a 38,7% (n=208) e 43,3% (n=184) respectivamente. No que diz respeito aos relacionamentos amorosos, 8,6% (n=46) dos familiares relataram ter terminado um relacionamento devido ao adoecimento do usuário.

Os resultados encontrados evidenciam que parte dos familiares apresentam rupturas no campo pessoal, social e laboral devido à sobrecarga vivenciada no processo de cuidado dos usuários de serviços de saúde mental.

Em relação as rupturas nas redes sociais dos cuidadores, Baptista et al. (2012) apontam que o distanciamento dos amigos e a falta de participação da família nos cuidados ao paciente é um fator que contribui para o aumento da

sobrecarga. A falta de suporte social influencia na determinação da quantidade e intensidade das implicações negativas reportadas pelos cuidadores familiares, uma vez que o isolamento e a ruptura dos vínculos sociais aumentam a vulnerabilidade dos sujeitos ao adoecimento em geral gerando sofrimento.

Em estudo realizado no estado do Rio de Janeiro, com 107 familiares entrevistados foram encontrados resultados semelhantes nesse âmbito, aonde 22,43% referiram ter tido alterações nas suas atividades de lazer, 27,10% diminuição da atenção aos outros familiares e 11,22% atrasos ou ausências em seus compromissos, associando estes aspectos ao motivo de estarem sobrecarregados pelo cuidado ao usuário do serviço de saúde mental (REIS, et al 2016).

Corroborando também com os resultados, Neves et al. (2017) aponta que os familiares cuidadores de pessoas com sofrimento psíquico apresentam impactos ocupacionais e financeiros, visto que muitos cuidadores acabam abandonando suas atividades trabalhistas para assumir o cuidado integral dos seus entes.

No processo de adoecimento, além do portador de transtorno mental, as pessoas que estão ao seu entorno tendem a ter maiores desgastes físicos, psicológicos, emocionais, sociais e financeiros diminuindo assim a qualidade de vida de todos os membros da família (GOMES; SILVA; BATISTA, 2016).

De acordo com Reis et al., (2016), alguns serviços de saúde mental ainda enfrentam dificuldades em se tratando do seu direcionamento à política de saúde mental atual, o que pode contribuir para a sobrecarga nas famílias. Entretanto, as dificuldades evidenciadas pelos familiares cuidadores poderiam ser minimizadas com o suporte e ações de cuidados dos serviços de saúde mental comunitários voltados também para esta população cuidadora conforme preconizado na lei 10.216/2001 (BRASIL, 2001).

#### 4. CONCLUSÕES

Os resultados do estudo evidenciaram que parte dos familiares cuidadores apresentam rupturas pessoais, sociais e laborais devido à sobrecarga gerada pelo cuidado aos usuários com sofrimentos psíquicos.

No processo de enfrentamento e/ou diminuição destas rupturas, os serviços de saúde mental comunitários poderiam se apresentar como parceiros, desenvolvendo práticas de cuidados para além dos usuários com sofrimentos psíquico e englobando ações que focalizassem também os familiares cuidadores. A exemplo do projeto terapêutico singular no qual poderiam ser incorporadas ações de cuidados conjuntas tanto para usuários quanto para os familiares. Tais ações poderiam minimizar os impactos negativos como nos resultados demonstrados.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA, J.B.; WAIDMAN, M.A.P. Família da pessoa com transtorno mental e suas necessidades na assistência psiquiátrica. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 61-70, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **LEI Nº 10.216, DE 6 DE ABRIL DE 2001**: Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001.

DELGADO, P. G. Sobrecarga do cuidado, solidariedade e estratégia de lida na experiência de familiares de Centros de Atenção Psicossocial. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1103-1126, 2014.

GOMES, L. M. P.; SILVA, J. C. B.; BATISTA, E. C. Escutando quem cuida: quando o cuidado afeta a saúde do cuidador em saúde mental. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 3-17, 2018.

NEVES, T. S.; et al. Family difficulties in caring for patients with mental disorders: a report of experience. **Rev Enferm UFPI**, v. 6, n. 3, p.79-82, 2017.

REIS, T.L. et al. Sobrecarga e participação de familiares no cuidado de usuários de Centros de Atenção Psicossocial. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, p. 70-85, June 2016.

TREICHEL, C.A.S. et al. Minor psychiatric disorders and their associations in family caregivers of people with mental disorders. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 3567-3578, Nov. 2017.

TREICHEL, C.A.S.; JARDIM V.M.R.; KANTORSKI, L.P, ALDRIGUI, L.B, RIGO, R, SILVA, M.S.S.J. Uso de psicotrópicos e sua associação com sobrecarga em familiares cuidadores de usuários de centros de atenção psicossocial. **Cien Saude Colet** [periódico na internet] (2019/Jun). [Citado em 06/09/2019]. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/uso-de-psicotropicos-e-sua-associacao-com-sobrecarga-em-familiares-cuidadores-de-usuarios-de-centros-de-atencao-psicossocial/17243?id=17243>

TREICHEL, C. A. S.; JARDIM, V. M. R.; KANTORSKI, L. P.; LIMA, M. G. Prevalence and factors associated with suicidal ideation among family caregivers of people with mental disorders. **Journal of Clinical Nursing** , v. sv, p. 1, 2019.